



## HISTÓRIA FELIPE SILVA BRASIL

Felipe vem do Recife, no Brasil.

A sua primeira viagem fora do país de origem foi para Portugal, onde agora vive desde outubro de 2019.

Um aficionado de jogos de vídeo, com uma disposição alegre e muito humor, trabalha cá como cuidador de pessoas de idade. Partilhou connosco a sua história, as suas impressões de Portugal...e um pouco de filosofia.





## O país de destino

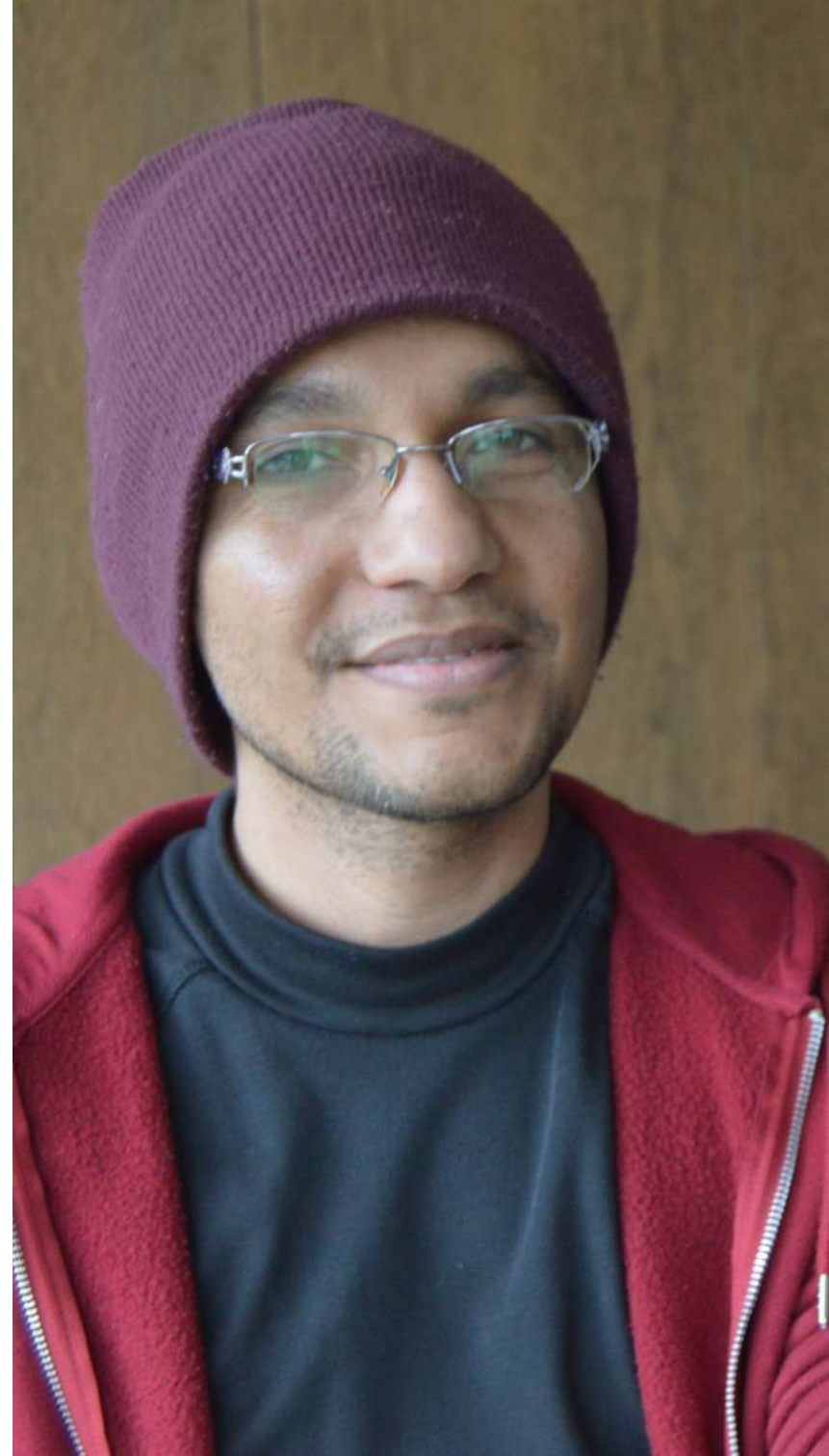
***“O meu destino inicial era a Irlanda, onde mora o meu irmão.”*** Explica. ***“Mas eu pensei em fazer um tour da Europa começando por Portugal. Fui a Madrid durante um dia, e chegando a Portugal resolvi começar com o Porto...comecei pelo Porto porque é bastante parecido com a minha cidade, o Recife, que também tem calçadas e o passeio, os prédios, os monumentos...”***

Chegado ao Porto, Felipe sentiu-se muito rapidamente à vontade, tanto que descreveu a cidade como “uma segunda casa”. ***“Acabei ficando.”***

Por causa de um impedimento pessoal, o projeto de juntar-se ao irmão na Irlanda ficou suspenso, fazendo-o tomar a decisão de adotar definitivamente Portugal como a sua nova casa. Além disso, Felipe confessa que a barreira da língua seria um obstáculo.

***“Eu falo muito pouco inglês, não vale a pena me aventurar por sítios nos quais não se fale português. Mesmo se português do Brasil e português de Portugal sejam muito diferentes! E se souber os dois já se pode considerar bilingue.”***, ri-se.

*Storytelling | Histórias que unem pessoas*





# A sua estadia em Portugal

No início da sua estadia, morou na cidade de Coimbra com um amigo, e só depois é que acabou por se instalar no Porto.

Porém, apesar das semelhanças com o Recife, Felipe não deixou de sentir o choque cultural.

*Storytelling | Histórias que unem pessoas*



***Tudo, desde os costumes, as pessoas, a culinária, até a maneira de atravessar a rua... no Brasil você anda um bocado distraído e é logo atropelado!***", diz ele, maravilhado pela educação dos motoristas portugueses.

Este tipo de aspetos reflete, para Felipe, a atitude característica deste pequeno país da Península Ibérica: ***"A primeira coisa que notei nas pessoas é a sua responsabilidade, em coisas tão simples como pagar o bilhete para andar de metro ou de autocarro. No Brasil há um sistema obrigatório, você é mesmo obrigado a pagar fisicamente o bilhete para poder utilizar os transportes. Aqui não: existe uma cultura em que cada pessoa exige de si própria, ou seja, não se deixa ir pela má fé. É um sistema baseado na confiança."***

Os transportes comuns não são, porém, a maneira que o Felipe prefere para circular. ***"Eu perco-me com os metros, linha amarela, linha azul, e o tempo que esperamos pelo metro já cheguei a pé à outra estação!"*** E é mesmo isso que faz, optando por andar a passo na calçada portuguesa. ***"Tenho uma aplicação no telemóvel que me diz quanto eu andei ... hoje andei seis mil passos."*** diz, rindo. ***Já fica o desporto feito!***



## Gastronomia e música



Felipe também é um apreciador de “boa comida”.

Sempre cozinhou com muito gosto, preparando os pratos simples e tradicionais do seu país, muito apreciados pelo seu amigo, com quem viveu em Coimbra.

Quanto à gastronomia portuguesa a impressão deixada foi boa. **“Gosto muito! O bacalhau aqui é o feijão com arroz no Brasil.”**

Ficou surpreendido com a juventude portuguesa, que não parecia aderir aos pratos típicos nacionais. **“Estão tão encantados com o McDonalds. Fiquei abismado com isso! No Brasil também se gosta de McDonalds, mas a criançada gosta dos pratos típicos. Achei que a batata, o bacalhau e o azeite era comida igual ao feijão no Brasil!”**


Num tom mais humorístico, partilha uma visão estereotipada que existe para com os europeus. **“Nós no Brasil já temos uma ideia geral em relação aos europeus. Por exemplo, sobre a questão musical: o europeu só curte. O que o americano cria, o europeu só curte. O brasileiro já tem de botar um forró, um baião para diferenciar!”**



# As dificuldades e a pandemia

Quanto às dificuldades que sentiu durante o tempo que passou em Portugal: ***“O entendimento, a adaptação, a compreensão, sobretudo. Ainda hoje tenho algumas conversas com portugueses mais idosos, e a maior dificuldade é perceber aquilo que me dizem. Aprendi a deixar a pessoa explicar e a repetir-se, a respeitar o tempo que leva a ser clara.”***


Apesar de gostar da atitude que têm os portugueses para com os turistas, dizendo que são bons ouvintes e de bom conselho, não tem tido facilidade em criar laços e amizades. ***“Acho que deveria haver um pouco mais de empatia. Trabalho com pessoas idosas, por isso tenho um grupo de amigos velhos. Eles adoram falar comigo, adorariam conhecer Copacabana...querem conhecer o Brasil além do Carnaval, um sonho que eles não podem concretizar no momento, por causa da pandemia e da idade. Não posso generalizar, mas pelo menos nessa faixa etária, e até em pessoas mais novas, há pouca empatia em relação ao imigrante, e ao porquê dessa pessoa estar no nosso país, para buscar algo melhor...até pode ser só para descobrir novas culturas. No meu caso passei por Portugal, amei o clima, o local, a língua, que favorece bastante...”***



***“No meu caso passei por Portugal, amei o clima, o local, a língua, que favorece bastante...”***



## O apoio do Centro São Cirilo



*"Entretanto, ofereceram-me o Centro, disseram que lá ofereciam emprego e alojamento. Neste momento só permaneço aqui por causa da pandemia..."*

*"Felipe chegou ao Centro Comunitário de São Cirilo em novembro de 2019.*

*Quando chegou, tinha sido confrontado por vários problemas na tentativa de arrendar uma casa no Porto.*

*"Para aumentar os rendimentos, comecei a trabalhar na obra. Entretanto, ofereceram-me o Centro, disseram que lá ofereciam emprego e alojamento. Neste momento só permaneço aqui por causa da pandemia... se não fosse pela pandemia se calhar teria voltado em repatriamento para o Brasil."*



Porém, Felipe não tem planos de regressar ao Brasil depois do fim da crise sanitária.

***“Não penso em voltar. Só se for para conhecer melhor o meu estado! Muitos portugueses me perguntam se conheço Fernando de Noronha (nunca fui! É caríssimo...) Enfim, no meu estado, dá para fazer turismo (mas só para quem pode!), e posso visitar a minha família que lá está. Mas para morar...acho que já escolhi o meu destino. Espero que dê tudo certo! Ainda estou em fase de namoro!”***

Felipe discute a importância de alguém ser bem acolhido num novo país.

***“Eu acho que é muito importante ter-se empatia. Pôr-se no lugar do imigrante, perceber que se ele está ali é para buscar alguma coisa, assim como muitos portugueses vão para o Brasil para fazer fortuna, não é? Tenho um amigo da família que mora lá no Brasil. Foi lá para fazer fortuna, acabou por gostar muito de lá estar e ficou. E realmente não me passa pela cabeça um país ter diferenças entre imigrantes e nativos (sobretudo um país turístico!).***

***Fiquei muito triste por ouvir um senhor de idade dizer exatamente esta frase: “Ainda bem que houve a pandemia porque deixámos de ter turistas.” Eu até lhe respondi “Senhor! Quantos amigos, pessoas da sua idade morreram!” Acho que não têm a noção daquilo que dizem. Portugal é um país turístico, não me passou pela cabeça que pudesse haver essa visão dos imigrantes.”***





# Aceitação e compreensão do outro

Também partilha um pouco de filosofia sobre a aceitação e a compreensão do outro, que completa com os seus próprios provérbios:

***“O sol brilha para toda a gente. A chuva quando cai, cai para toda a gente! Eu procuro sempre evoluir como pessoa. Sou muito apegado às frases de pensadores (e também às minhas, não se pode viver só de cópias!). Tento sempre manter a força e o controle próprio, ajuda-me a atravessar muitas abaladas (por exemplo, estar longe da família, passar as principais datas do ano sem eles...).***

***Apeguei-me bastante ao Bruce Lee, não só à arte marcial, mas ao controle de si próprio, das emoções, da respiração, que ele demonstrava. Ele sempre dizia “eu ouvia, respirava, deixava passar e seguia em frente”. Passei a vida ouvindo-o enquanto sofria pelos preconceitos, pelas palavras ignorantes de pessoas.”***





*O ser humano é um ser individual. Cada um tem as suas características. Mas a nossa convivência é essencial: mesmo sendo individualista, o ser humano nunca fez nada sozinho, sempre com a ajuda de outro. Nesse sentido a empatia é importante, porque aquilo que você está construindo hoje, vai servir para alguém amanhã.*

*É como se alguém te deixasse um legado. Você, se toca violão: alguém fabricou esse violão para você tocar. E um dia você vai se desfazer dele: por isso tem de pensar em conservá-lo. É uma questão de valores: você quer conservar o valor do bem, mas também há o valor moral, tem de pensar que alguém vai ficar com o violão depois de você. A empatia é importante sempre, pôr-se no lugar do outro, pensar em como é que o outro gostaria de ser tratado; seja imigrante, nativo, branco, negro, índio, o que for. Como diz o meu sobrinho de três anos, “por dentro somos todos vermelhos!”*

Parece ser uma frase conclusiva da entrevista.

*“Não, tenho outra melhor!”  
intervém. “Deixe-me pensar, que eu estive a construí-la até agora...”*

*“Apagar a vela do outro não  
fará a sua mais brilhante.”  
Gosto dessa”*

*Storytelling*  
*Histórias que unem pessoas*  
**Centro Comunitário São Cirilo**

WWW.SAOCIRILO.PT  
GERAL@SAOCIRILO.PT  
228 348 460